



AVANZADA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (BRASIL)

Salazar pretende estrangular o Exército para entregar o país às forças mercenárias e assassinas da Legião. QUE O EXÉRCITO SE DEFENDA, DEFENDENDO PORTUGAL!

O movimento de 28 de Maio que deu origem à ditadura, foi um movimento militar e por isso a ditadura sempre se chamou militar. Mas Salazar há muito que combate o exército. Luta surda, subterrânea, mas cujos efeitos não são menos seguros. E o fim dessa campanha é a «reforma» publicada no dia 4.

Porque combate Salazar o Exército? Qual a causa do seu ódio ao organismo que o chamam ao poder?

O fascismo—nunca é demais repeti-lo—é a ditadura feroz do grande capital, a arma de que ele se serve para dominar inteiramente as forças produtivas das nações. É a última etapa da opressão capitalista, por isso a mais violenta.

Para realizar inteiramente o seu fim, precisa dum instrumento especial de violência, dum força potente que obedeça ogeamente.

Ora o Exército, devido à sua especial constituição, não pode servir inteiramente estes fins. Foi o que viu Mussolini, criando o «seu» exército de camisas negras, que opôs ao Exército Italiano; Hitler seguiu no mesmo caminho, criando as seções de assalto dos camisas castanhas que fizeram calar as bravatas do Exército alemão.

Salazar viu o exemplo dos seus mestres e chefes, e como não lhes quis ficar atrás, criou a Legião para opôr ao Exército. Mas não nos iludamos. Não foi só o espírito de imitação do fascismo alemão e italiano que o levou a esta resolução. É a própria existência do fascismo que o exige.

O que é a Legião? É? Canceleda de Abreu, um dos seus dirigentes suprentes, que o diz num discurso: «Não se trata (a Legião) dum agregado de espíritos, de inteligências, de energias mentais... trata-se dum bloco, indestrutível de energias físicas, de uma avalanche de corpos».

Só com esta «avalanche» ele poderá manobrar à vontade, e o Exército tem sido, sob alguns aspectos, um obstáculo à realização de muitos dos seus desejos.

Se tem criado a Legião dois anos mais cedo, se o Exército, como ele pretende fazê-lo, já fosse hoje um serventário da Legião, impotente perante a força desta, como o são os exércitos italiano e alemão, a intervenção armada em Espanha já se tinha feito. Foi essa fraqueza legionária que permitiu que alguns oficiais super-reacionários se tivessem oposto à vontade de Salazar, de enviar tropas organizadas, como fez a

Itália, para auxiliar o Franco. Por isso era necessário dar um grave golpe no Exército, para pôr a Legião no seu lugar. E foi com esse fim que se assassinou o Ministério da Guerra.

A actual reforma, que tanta agitação tem criado nos meios militares, é a realização pura e simples do que acabámos de dizer.

Sob o pretexto de que as nossas fronteiras estão deguarnecidas, pretendendo levar os regimentos para as povoações fronteiriças, entregando as cidades e os grandes centros urbanos às forças da Legião. Reduzindo o número de regimentos, baixando o pré, tornando

possível nos oficiais o acesso aos postos imediatos, não por antiguidade ou concurso, mas por escolha, teve como mira apenas tornar o Exército impotente perante a sua vontade, torná-lo um juguet nas suas mãos.

Se não reagirem com energia e rapidamente, quando o quiserem fazer já será tarde.

Salazar neste momento joga com os interesses imediatos da guma oficial, que contém com a promoção, à custa dos que estão sendo passados à reserva. Esquecendo-se eles, que esse benefício passageiro lhes vai custar muito caro no futuro.

Quando os regimentos estiverem

enfraquecidos, quando tiver posto à frente de todos, homens da sua inteira confiança, fácil lhe será manobrá-los à vontade.

E então, esses que hoje aceitam passivamente a reforma, por ela satisfazer os seus interesses imediatos, verão como se enganaram colaborando numa política de traição, que, ao mesmo tempo que estrangula o exército, entrega o país às quadrilhas dos legionários.

E quando Salazar tiver conseguido isto, já não haverá nem generais nem estados maiores com força para se oporem ao envio de corpos do exército para Espanha, a ajudar Franco e Mussolini na guerra de extermínio do povo espanhol.

É verdade que Salazar já recebeu um cheque, não pondo imediatamente a reforma em execução, como determinara. Mas isso não evita que ele não alcance os fins que tem em vista, se o exército não o fizer parar.

Há pouco tempo, quando se discutia na Assembleia Nacional a reorganização do Exército, um deputado afirmou que os nossos quadros eram deficientíssimos para uma necessidade de defesa nacional. Sendo assim, como se explica a redução que Salazar lhe está a fazer?

Demagógicamente afirma que a reforma visa a tornar o Exército apto para a defesa nacional. É uma mentira em que nenhum técnico da guerra acredita.

Portugal é um país sem fronteiras terrestres naturais, e com uma extensíssima fronteira marítima. Com os modernos processos de guerra, nem com um exército cincoenta ou cem vezes maior e fortemente apetrechado, poderia opôr-se seriamente a uma invasão estrangeira. E nós não temos nem navios, nem fortalezas, nem baterias anti-aéreas, nem aviões. A defesa de Portugal está fundamentalmente numa política oposta àquela que tem seguido este governo de traição nacional, pondo-se ao lado dos nossos mais perigosos inimigos, daqueles que nos querem roubar as colónias e fazer do continente uma província sua.

O EXÉRCITO DEFENDERÁ PORTUGAL LEVANTANDO-SE PARA COMBATER SALAZAR E A SUA POLÍTICA DE INTERVENÇÃO EM ESPANHOLA COMBATENDO A INFLUÊNCIA ALEMÃ E ITALIANA, COMBATENDO A LEGIÃO! DESTA MANEIRA O EXÉRCITO DIGNIFICA-SE E COMBATE PELA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL!

SALVEMOS DA MORTE os nossos camaradas presos!

A polícia prendeu, no dia 10 de Janeiro, dois militantes da classe operária, dois queridos camaradas nossos.

Os dois de guarda de Salazar já não podem ocultar a acção revolucionária do nosso Partido, a sua influência em largas massas e, espumando de raiva perante a sua incapacidade de nos destruir, vingam o seu ódio nos militantes que caem sob a sua alçada, torturando-os bárbaramente e assassinando-os.

Há mais de cinco meses, mantêm presa e incommunicável—se não foi já assassinada—a nossa camarada Helena Faria.

Há cerca de dois meses que se encontra preso, sob permanentes torturas, o nosso camarada Dr. Alberto de Araújo, professor do Liceu de Passos Manuel. Este camarada que é uma das mais notáveis figuras da jovem geração intelectual portuguesa, é doente. As torturas a que o têm sujeito há mais dum mês, acabaram por o matar, se o não mataram já!

Há cinco meses, assassinaram, no meio de torturas sem nome, o jovem operário Augusto de Almeida Martins, casado, que deixou três filhos.

O ódio do fascismo, o ódio de Salazar, não se acaba com pouco sangue. Exige mais vítimas.

E, no dia 10 de Janeiro, assaltaram, na Rua da Beneficência, a casa onde viviam dois camaradas responsáveis do nosso Partido.

Como estes, com um bom espírito belechique, queimasse os papéis que tinham consigo—imobilizando, assim, qualquer tentativa da polícia para prejudicar o nosso Partido—esta, enraivecida por nada conseguir, tendo-lhes cercado a casa, descarregou as pistolas sobre eles como se fossem feras, metendo-os em automóveis, um já inanimado e ambos escorrendo sangue.

Camaradas! É necessário salvar esses dois heróicos camaradas, que são nossos irmãos, que são carne da nossa carne.

A imprensa fascista, sendo forçada a reconhecer a existência do nosso jornal e da nossa acção nas fábricas e empresas, aproveitou a ocasião para inventar as mais canibais mentiras e para provocar o pânico entre a população que não tem contacto conosco. E daí, chamaram-nos terroristas, falarem em bombas, para justificar as torturas aos nossos camaradas.

Mas nós não nos intimidamos. Intensifiquemos a nossa luta em defesa dos nossos militantes torturados.

Mulheres portuguesas: neste momento duas mães choram pelos filhos que estão sendo torturados na polícia. Ajudat-as, escrevendo a Salazar, à Polícia, ao Carmona, exigindo a vida desses dois operários!

Militantes, impacientes, e sem partido: escrevei, telefonai, organizai protestos contra o assassinato e torturas aos presos!

Anti-fascistas: a vida dos anti-fascistas presos depende em parte de nós. Organizemos um amplo movimento de solidariedade e de defesa dos nossos presos!

UM TRIUNFO anti-fascista

O famigerado coronel Lopes Mateus, Governador Geral de Angola, acaba de anular o resultado das eleições administrativas, efectuadas na cidade de Luanda, o qual foi uma cabal demonstração de não conformismo com o Estado Novo e da desastrosa política iniciada com o Acto Colonial.

De facto, as listas da União Nacional, quer para as freguesias, quer para o Município, foram, na capital de Angola, esmagadoramente vencidas por outras, que os electores de Luanda escolheram como capazes de lhes dar boa administração.

Lopes Mateus, servindo-se da propositada ambiguidade do Código Eleitoral, pretendeu, anulando-as, destruir o real significado das eleições, mas, apenas conseguiu explicar o forte desejo que o povo de Luanda tem de alcançar a sua liberdade e provar o embuste, que são as eleições promovidas pelo Estado Novo.

O P.C. que aconselhou, no devido momento, os anti-fascistas a travarem luta com Salazar, VE com o caso de Angola, demonstrada a justiça da sua linha.

Se o resultado das urnas foi anulado por um decreto, não é menos certo que constituiu uma vitória, por que através dele os anti-fascistas de Luanda conseguiram manifestar o seu desejo de liberdade, que é o que o fascismo não quer e o que nos tenta impedir por todos os meios.

Votando contra o fascismo, a população de Luanda votou contra a entrega de Angola aos alemães.

Caixa de Reforma dos ferroviários

A classe ferroviária é das que se encontram mais desorganizadas, e por isso o célebre Estado Corporativo faz dela o que quer.

Quando organizaram a Câmara Corporativa mandaram para lá, como representante de classe, o sr. Restituto José Coelho.

Este, lá foi-se de fazer promessas, e como sabia que um dos problemas que mais interessam a classe é a reforma na vestimenta, fez cavalo de batalha desta aspiração da classe. Mas isso não passou de verdadeira demagogia por que até hoje nada fez.

A Companhia, para explorar melhor o pessoal, já criou 7 ou 8 caixas de reforma com outros tantos regulamentos, fazendo, assim, uma grande confusão, e de tal maneira que o pessoal não sabe quais são os seus direitos.

O pessoal reclamara uma CAIXA ÚNICA, e o sr. Restituto, para atrair sócios para o Sindicato Nacional, prometeu que o sindicato realizaria essa aspiração.

A sua propaganda foi feita espietadamente entre os velhotes, que levados pelo canto da sereia lá vão pagando as cotas sem conseguir nada.

Camaradas! Vamos para o Sindicato Nacional e exijamos que o Restituto cumpra o que prometeu!

Para o S.V.I.

Camaradas, não se esqueçam de votar no

A MORTE DE LENINE

Passou no dia 21 o 11.º aniversário da morte do grande Lenine. O Chefe genial da Revolução de Outubro, um dos maiores gênios que a humanidade conheceu, continua a viver no grande amor que lhe consagram todos os explorados do mundo e todo o proletariado feliz da grande União Soviética.

Lenine foi, na feliz expressão de Gorki, o homem que arrancou do peito o seu coração ardente a fim de iluminar com a sua chama o caminho que conduziria os homens fora do abjecto caos contemporâneo.

O traço negro da morte, sublinha mais nitidamente ainda aos olhos do universo o seu valor—o valor do chefe universal do povo dos trabalhadores.

Se a nuvem de ódio que ele tem suscitado, a nuvem da mentira e da calúnia, acumulada à roda do seu nome, fosse mais opaca ainda, pouco importaria: não há força que possa eclipsar a luz levantada por Lenine sobre as trevas sufocantes do mundo em decadência.

Lenine morreu, mas os herdeiros da sua razão e da sua vontade estão vivos.

No dia do aniversário da sua morte, o pensamento de todos os explorados, de todo o proletariado revolucionário do mundo inteiro dirige-se para Stáline, o grande continuador da sua obra, o chefe querido da grande União Soviética.

Comemorando esta data, recordemos a sua grande lição e esforcemo-nos por a seguir, não nos afastando nem parando no caminho que ele nos traçou, lutando incansavelmente pela defesa de todos os explorados, e pelo reforçamento do nosso Partido.

A tragédia dos pescadores

Em Buarcos, na Fuseta, na Costa da Caparica e em Sesimbra, vivem-se, agora, momentos de tragédias colectivas. As fainas da pesca estão paradas.

O mar, é muito e nele não se aguentam as pobres e frágeis ARTESES.

Milhares de homens, mulheres e crianças têm fome.

Os pescadores, inactivos, deitados sobre a areia, vêm ao longo do mar, vapores deitando as redes. São os barcos de alto mar, que grandes potentados da pesca das praias de Lisboa, Figueira, Faro, etc., empregam na pesca costeira.

Tempo houve que era proibido. Os grandes potentados não podiam fazer concorrência, com os seus enormes meios técnicos, aos pobres pescadores da Costa.

Uma vez o atentaram na Caparica, mas os pescadores e suas mulheres meteram-se nas suas embarcações e fizeram-se em atitude agressiva aos barcos invasores, que se escaupiram.

Mas os tempos mudaram. O Governo fascista instituiu casas

de assistência aos pescadores—de esmola seria melhor chamar-lhes—e autorizou e protegeu a desleal concorrência.

O peixe, agora, quasi não afluente as costas e os barcos, blindados de aço e movidos por poderosas máquinas, vão pescando ao largo.

Em Buarcos, na Fuseta, em Sesimbra há fome.

As Casas dos Pescadores distribuem esmolas, que não chegam, dizem, por que a miséria é muita.

Nós não reclamamos contra o emprego de barcos a vapor nem tampouco os pescadores, que observam serem só eles capazes de agüentar o agitado mar de inverno.

Nós reclamamos protecção para as populações do litoral, exigindo que só a classe seja consentida a pesca na sua área.

Nós reclamamos que o Estado, por intermédio das Casas dos Pescadores, conceda aos pescadores os meios técnicos que lhes possibilite a pesca de inverno.

Repressão em vez de protecção

A policia de Braga fez uma rusga na sua área, limpando-a—segundo ela diz—dos vadios que a infestavam.

Le-se, depois, a lista dos detidos e verifica-se que eles, na sua quasi totalidade, são sexagenários de ambos os sexos.

Não temos tempo nem meios de inquirir do passado dos presos, mas temos a certeza que, na sua maioria, são velhos trabalhadores, que a exploração capitalista invalidou.

O sistema é infelizmente usual: substitui-se a assistência social pela repressão policial.

O que importa é que as cidades pareçam limpas aos turistas. E os velhos trabalhadores, inteiros aos olhos do fascismo, explorados, são e crendências, impurezas que maculam a beleza das cidades. Para eles, há caixotes do lixo—e excoelias, a Mira, etc.

Mas o caso de Braga não é uma excepção.

A perseguição à velhice pobre faz-se por todo o país.

Desteixo e crime

Na Serra de Monsanto, a pouco mais de meia hora do centro da cidade, uma criança que dormia com sua mãe numa das furnas daquele sítio, morreu afogada num pântano!

Noticiam a ocorrência aqueles mesmos jornais que diariamente expõem grandiosos projectos de engrandecimento da cidade e anunciam retinções dos «Amigos de Lisboa». Desta vez, porém, não fazem as penas dos jornalistas reparo na existência de pântanos junto à cidade e em terrenos adjacentes a um bairro extremamente populoso.

Urbanismo, higiene, saneamento, são os requisitos dos bairros ricos, de gente de linha.

Monsanto, Casal Ventoso, Alfama precisam, apenas, de policiamento para que toda aquela miséria se não entorne na cidade, acarretando as suas malditas doenças.

Mas... o activo povo daquelles bairros não tem a mesma opinião, devendo por todos os meios exigir da Câmara Municipal os meios de sanidade que o ponham ao abrigo das infecções, a que dão origem as fétidas de higiene.

Pela triste e lamentável morte duma criança ficou avisada a Câmara da existência de pântanos na periferia da cidade. A população exige dela as providências que o caso require. Se ao necessário saneamento não der prioridade será um crime, para o qual o desconhecimento não pode servir de atenuante.

Também protestamos contra a maneira que os jornais usaram para referir o facto duma criança—«a pobre morta da triste ocorrência relatada—dormir numa furna da serra».

Não é esse um caso isolado de miséria, como nos quiseram impingir. Existe uma infância mártir que dorme em furnas ou nos patamares das escadas.

Por vezes a Policia procede a rusgas e, usando do mesmo critério estabelecido para os velhos, prende-os como vadios, enviando-os, depois, para as casas de correcção onde ficam em contacto com menores anormais, delinquentes e onde os subordinam a uma disciplina que, lhes rouba a felicidade de ser jovem, impedindo-lhes o espirito de iniciativa e a garrulice própria da idade.

Em favor desta infância desvalida abandonada, deve soar para o combate o clarim da verdadeira e generosa Mocidade Portuguesa!

Amigos do Partido

Torpedo 2350

Amigo P. 2350

J. Matias 2350

Califa (4 semanas) 6800

J. Marujo 5800

Quete da prisão 3815

Grupo D.P. 10800

Grupo Mirbeau 15800

A.V. 5800

Grupo K 5800

Paiva Couceiro 5800

Um Seminarista 5800

P. (2 meses) 10800

Afonso 5800

Lapins 5800

Grupo Luz do Oriente 40800

Pela Liberdade 20800

Naturista 5800

Um oprímido 10800

TOTAL 197865

É preciso que a burguesia abdique de alguns dos seus privilégios em favor dos velhos trabalhadores.

Ela só abdicará pela força, pela violência.

A reforma para os trabalhadores velhos e necessitados deve ser, pois, um dos nossos lemas de combate.

Está claro.

VIVA A Frente Única Proletária!

A Frente Única proletária, tão vivamente desejada por todos os trabalhadores acaba de receber um novo impulso.

A Confederação Geral do Trabalho, a Comissão Inter Sindical e os Sindicatos Autónomos, publicaram em comum, um manifesto protestando contra os assassinatos praticados pelo fascismo, apelando para que as massas organizem uma luta contra o estabelecimento da pena de morte. Certamente, a Frente Única entre a C.G.T., a C.I.S. e autônomos, não está por este facto, realizada; no entanto, a publicação deste manifesto denota a boa vontade das três organizações, e é um passo para mais largos empreendimentos.

O Partido Comunista saudou calorosamente este acontecimento e faz votos por que ele marque o início duma nova era de colaboração leal entre os trabalhadores de todas as tendências.

Camaradas anarquistas e comunistas, organizai, por toda a parte, a luta em comum, pela melhoria das nossas condições de vida, pelo auxílio ao povo espanhol, contra a guerra e contra o fascismo.

Construi uma Frente Única proletária invencível

Contra a Pena de Morte

O Comité de ajuda às vítimas do fascismo português, editou em França, em português e em francês, um manifesto contra a pena de morte, de que transcrevemos o apêlo final:

«Trabalhadores de todo o Mundo, Estados livres, Liga dos Direitos do Homem, Federações de Emigrados, Organizações revolucionárias, Órgãos da Paz e da Solidariedade Humana, secundai o nosso gesto, protestai contra este crime que se prepara!

Quando em Junho de 1864 se aboliu a pena de morte em Portugal, Victor Hugo, o génio poético e o pensador da grande França, ao ter conhecido o nosso gesto humano, entendeu para a nossa Pátria um hino de admiração e respeito. Mensagem que era o nosso maior Título de Honra!

Pensadores, homens de letras, antifascistas, republicanos, anarquistas, socialistas, comunistas — homens e mulheres de todos os credos da França, que nos acolhe numa hospitalidade generosa, protestai contra este novo atentado do fascismo à vida humana!

Portugueses espanhóis por todo o Mundo, portugueses em França, uní-vos e protestai contra o crime que se vai realizar!

**Pró CRUZ VERMELHA
ESPANHOLA**

Barcelo 6800
Vindobro 11500
TOTAL 17800

Os comunistas e a questão da mulher e da família—(II)

Exploração infame da mulher operária, escravatura da mulher fora e dentro do lar, definhamento da criança, foram os principais pontos que focamos no nosso primeiro artigo (ao lado de várias informações sobre a libertação da mulher na URSS). Exploração, escravatura e definhamento por nos sentidos (ou simplesmente por nos observados — quando se não quer voltar a cara ou fechar os olhos) que se avolumam em todos os países fascistas e se extinguem na URSS; recordem-se por exemplo, as «medidas hitlerianas» que os nossos jornais noticiam com desmedida frequência, comparem-se ao artigo «As mulheres de Bakou» publicado há pouco mais de um ano na revista «Eva».

É fácil aos escrivinhadores do fascismo e também aos seus paladros de comício, o bordarem frases de lacaio em defesa da família contra os vermelhos: em primeiro lugar falam duma família que, geralmente, só existe na sua imaginação; depois, profundamente ignorantes do que se passa na URSS e de todo o sentido do movimento revolucionário (adquirem a sua «cultura» através da imprensa desonestas que serve o fascismo, e não têm a mínima curiosidade que os leve a observar o mundo social que os rodeia) atribuem intensões vis e absurdas ao partido revolucionário da classe trabalhadora.

Querem eles referir-se aos lares dos nossos trabalhadores do campo e da oficina? Mas, como não notam, nesse caso, que tais lares são profundamente diferentes daqueles onde a miséria não entra nem sequer espelrita? Como não vêem que, para se poder encontrar uma explicação da angústia que neles reina, se torna necessário confrontá-los, opô-los aos outros?

Angustia nos lares proletários para que se sustentem os ócios e os vícios dos senhores; angustia feita da miséria que traz o definhamento das crianças, que traz a fome e as doenças; angustia feita do desemprego, da falta de ambiente para a cultura do espírito e para a cooperação social que conduz o homem à taberna e o torna desumano como ele nunca teria sido. Miséria que é a mais importante fonte da tuberculose; que é a causa do desenvolvimento da prostituição; que está na origem de toda a desarmonia existente no seio de um lar de trabalhador, como já o diz há muito tempo o nosso povo: casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Nunca o «senhor», cuja existência de patrão se alimenta exactamente à custa destas ruínas em que assentam os lares dos nossos trabalhadores, irá até construir a felicidade destes. Nunca o fará, ainda, os seus agentes, os SEUS SERVIDORES QUE TEM O MANDO porque — mesmo os bem intencionados não podem deixar de defender SEMPRE os interesses a que estão tão estreitamente ligados, porque vivem num mundo diferente e não compreenderiam este outro.

A resolução de tais problemas depende essencialmente da acção colectiva, na vontade que os próprios trabalhadores puzerem na luta pelo seu pão, contra a sua miséria. Só assim se criará, como na URSS, os lares dos trabalhadores, onde a felicidade entra, e se mantém mesmo contra o abandono das forças físicas com a velhice.

O casamento na sociedade capitalista, é mais um negócio do que a solução do problema do amor. O fascista casa, não por amor — esse problema resolve-o ele, particular e normalmente em relações ilícitas, a que a sociedade fecha os olhos — mas para, ou arranjar dinheiro, ou arranjar uma criada permanente, que viva apenas para pensar no conforto e socorro do seu SENHOR. A mulher na sociedade capitalista é mais uma propriedade que o homem adquire, é a mais garantida das propriedades. A SUA mulher, tem que viver inteiramente para ele, embora ele não viva nada para ela.

É esta uma das razões, a mais forte das razões porque eles nos combatem no nosso conceito de família, que libertará definitivamente a mulher da escravatura que pesa sobre ela há milhares de anos, ao mesmo tempo que lhe arranca a eles um tradicional processo de exploração.

A ideologia do capitalismo, conservando a suposição da inferioridade da mulher na sociedade e no lar, está de acordo consigo própria, com a sociedade que defende e a todo o custo quer manter. E ainda neste ponto — especialmente porque se vê naturalmente ameaçada pelos progressos da técnica, da economia e seus reflexos na inteligência dos homens — se julga defensora de uma verdade eterna que vem unida a todas as outras de aspecto bárbaro, primitivo, incluídas nas suas crenças religiosas. Classifica de diabólico qualquer intuito de scarinhar e impulsionar o progresso que conduz à libertação consciente da mulher, à atribuição à mulher de direitos equivalentes aos do homem (salário, repouso, cultura, etc.) e não pode compreender esse intuito. Não o compreende, embora dia a dia pelo próprio e natural desenvolvimento histórico da sociedade a que opõe sucessivas barreiras tenha diante dos olhos a realidade de mais e mais energias afirmações da capacidade da mulher para elevar-se e VIVER DE FACTO transformando-se, de submissa servidora do homem (comparável, às vezes, a algum extranho animal doméstico) de espírito alheio ao mundo físico e social, numa verdadeira companheira do homem de modo a compartilhar das suas aspirações, dos seus pensamentos, das suas actividades, Contra a realidade — que encontra ante si sempre mais energeticamente afirmada — já se vai sentindo impetente a sua principal arma de ataque e, pois, a cultura.

Na U.R.S.S.

O Ensino Superior

A primeira universidade da antiga Rússia foi a de Moscovo, fundada em 1775, quando a nossa universidade de Coimbra já tinha 5 séculos de existência.

Quando rebentou a Revolução de Fevereiro, existiam na URSS 12 universidades sobre um número total de 91 escolas superiores.

As universidades russas, eram compostas, quanto à origem social dos estudantes, da seguinte maneira:

Filhos dos nobres, dos funcionários do Tzar e do clero . . . 45,63%

Filhos dos proprietários de indústria e de fábricas . . . 35,25%

Filhos de camponeses ricos e comerciantes rurais 14,54%

Estrangeiros e diversos 3,2%

Não havia lugar para os filhos dos operários e dos camponeses trabalhadores.

Quando rebentou a Revolução de Outubro, Lênine pediu que tudo quanto havia de preciosos nas escolas superiores fosse conservado, com o fim de o utilizar, refundir e readaptar aos interesses do proletariado.

Surgem logo grandes medidas, como a gratuidade dos estudos, a supressão do diploma, participação obrigatória das universidades na propagação da instrução entre as grandes massas dos trabalhadores e concessão de bolsas de estudo para os estudantes filhos de pobres. Uma das mais importantes medidas foi a criação de universidades operárias.

Em 1935 existiam na URSS 23 universidades, não só nos grandes centros culturais, como nas regiões mais isoladas. Existiam neste ano — hoje existem muitas mais — 721 escolas superiores, frequentadas por mais de 4.700.000 alunos.

Junto de cada universidade funcionam institutos de investigação científica, onde sábios de renome mundial, tais como Landsberg, Zélinisk, etc., têm feito descobertas que têm revolucionado as ciências.

As características orgânicas do ensino superior soviético, são:

1.º — Gratuidade do ensino;

2.º — Distribuição de bolsas — 80 a 90% dos estudantes são contemplados;

3.º — Alojamento;

4.º — Aproveitamento pelos alunos, de todo o equipamento e material escolares (bibliotecas, laboratórios, museus, gabinetes de estudo, etc.);

5.º — Tratamento médico gratuito;

6.º — Criação de todas as outras condições para o melhoramento da situação material e cultural dos estudantes (refeitórios, oficinas, parques de infância e creches, terrenos de sport, clubs, teatros, etc.).

É assim que se forma a cultura na URSS, a cultura dos trabalhadores, segundo a concepção marxista-leninista.

Contudo... pôde o Sr. Ameal continuar a vomitar sandices no «Diário de Notícias» sobre a incultura do proletariado da URSS. «Os cães ladram e a caravana passa»...

SEMANA INTERNACIONAL

O grande acontecimento mundial da semana, foi a crise ministerial francesa. A dissolução do parlamento romeno, que estava na lógica da política de traição à vontade do povo romeno, e que nas eleições de dezembro se manifestara claramente contra a política do governo; as penosas negociações da Irlanda com a Inglaterra em que aquela nação luta para a completa reconquista da sua independência, perdida há muitos séculos e que tem sido reconquistada palmo a palmo; tudo isto fica num segundo plano perante o grande acontecimento da crise ministerial francesa.

Os reacçãoários de todo o mundo bateram palmas de contentes ao verem prolongar-se a crise, e ao verem malograr-se as tentativas da organização dum governo em que estivessem representados todos os Partidos da Frente Popular, incluindo o Partido Comunista seu fundador e seu maior defensor.

Supozeram que a França iria abandonar o programa da Frente Popular e ainda alimentaram essas esperanças quando viram a constituição dum governo oficialmente radical-socialista. Mas essas esperanças morreram, e os jornalistas reacçãoários portugueses tiveram que roer rancorosamente as unhas enquanto traduziam a declaração ministerial francesa.

Os reacçãoários, que se intitulam nacionalistas, são iguais em todo o mundo. Em Portugal apoiam e colaboram numa política de traição nacional às ordens de duas nações estrangeiras: Itália e Alemanha. A Espanha «nacionalista» é governada pelos alemães e italianos, e que destroem a Espanha dos espanhóis. E na França também existe esse acanimento. E a das grandes banqueiros, que têm os seus agentes nas Câmaras, que transportam todo o ouro para o estrangeiro para tornarem impossível a vida de qualquer governo que represente a vontade do povo francês.

Sionistas e Aguardantes, essa associação secreta que manobrava às ordens da Itália e da Alemanha, que cometeu assassinatos e actos de terrorismo, como o das bombas na sede do Patronato, para fazer cair o ódio sobre o proletariado francês e que tinha organizada a guerra civil, com todo o material de guerra necessário e até com laboratórios químicos para a cultura de bacilos, para espalhar epidemias quando recebessem as ordens necessárias!

Foram estes «patriotas» que fizeram cair o governo de Blum e todos os outros governos da Frente Popular, esperando assim desacreditar a Frente Popular com as crises ministeriais sucessivas.

Mas o povo francês vigiava e não se deixou ir nas manobras dos seus inimigos. O novo governo francês, que começa a governar com a confiança absoluta da Câmara, afirmou na sua declaração ministerial que continuava a cumprir intransigentemente o programa da Frente Popular que é o programa do povo francês. Dirigindo-se aos patrões afirmou: «DE ORA AVANTE, O DIREITO DE DIRECÇÃO DE

Teruel completamente reconquistada

Tomando mais uma vez a repugnante figura moral e mental do general que pontifica em Sevilha, o Botelho Moniz e a imprensa fascista portuguesa já devem ter certa consciência (e antes deles a maioria dos que os lêem, os escutam) como foi suja a sua apreciação das operações de Teruel, mas tal desonestidade e cinismo não se encontram mesmo ante as censuras severas de alguns seus companheiros, mais serenos e, sobretudo, mais sérios. E não podemos adiar mais os seus dias nos chegar a notícia da geração espontânea de algum velho núcleo de resistência naquela cidade!

Depois da operação que permitiu ao Exército Popular a conquista de Teruel e o domínio duma extensa região à sua volta, tornou-se insustentável a situação dos que resistiam no interior da cidade e o «milagre» de Toledo não pôde repetir-se (como todos os milagres, afinal): assim se renderam todos os núcleos e complexos 50 oficiais, o bispo de Teruel e, ainda, o Governador civil.

Como um desses núcleos ocupasse o hospital e estivesse constituído por milhares de pessoas, o governo espanhol enviou a Teruel o inspector geral de saúde de Espanha e três companhias da guarda de Valência para assegurar os cuidados aos doentes e o respeito pela vida de todos os presos (respeito que o próprio bispo atestou publicamente, afirmando: «o governo e o exército da república mantiveram toda a espécie de considerações»). A vitória republicana teve, em particular, como consequência (que logo ecoou em todo o mundo) revelar o poder do Exército Popular espanhol, daquele exército republicano que, salvo das milícias anti-fascistas, se forjou na própria luta, criando, com o esforço dos trabalhadores ameaçados pelo fascismo, as suas indústrias de guerra e os seus quadros. De como tal vitória serviu para reforçar essa vontade dos trabalhadores espanhóis, podemos nós imaginá-lo; de como ele abateu fortemente a moral dos mercenários do fascismo internacional, encontramos indício na passagem para as fileiras republicanas, de centenas de homens das brigadas de Navarra, em luta naquele sector.

A vitória anti-fascista de Teruel seguiu-se a outras e outras, na medida em que os anti-fascistas compreendam e intensifiquem o auxílio que devem ao exército republicano de Espanha em luta pela Paz contra o fascismo internacional.

A situação na Frente do Xangai-Nanquim

No começo da luta, os japoneses julgavam que com um simples golpe de força, decidiam da sorte da guerra. Começaram por atacar na frente norte ali pensavam fazer a guerra e acabar a guerra. As primeiras operações na frente do Xangai procuravam, somente, destruir as forças da China do Norte.

Em fins de Outubro, o alto comando chegou à conclusão que os planos tinham saído errados, em vista da resistência do heróico povo chinês, a ofensiva japonesa, na direcção de Xangai-Nanquim tomou a intensidade de golpe decisivo. Tomaram parte nela 14 divisões com um efectivo total de 300.000 homens, superior ao exército do Japão até 1930. Tinha como objectivo, não só destruir as forças principais chinesas, nos arredores de Nanquim, mas, também, produzir na China e no estrangeiro uma profunda impressão pela força e impetuosidade desta ofensiva. Nem uma coisa nem outra conseguiram.

As unidades chinesas, escaparam da destruição e a perda de Xangai e Nanquim não priva a China de recursos e possibilidades para continuar a luta.

A guerra continua, estendendo-se em longitude. A frente, que era de 35 a 40 quilómetros, em Xangai, em fins de Outubro, alcança agora, perto de 600 quilómetros, no vale do Yang-Tse. São necessários, portanto, muitos mais homens. O ritmo de avanço do exército japonês—350 a 300 quilómetros num mês—é insuficiente para conseguir o aniquilamento dos adversários. O Japão não conseguiu passar da estratégia do esgotamento à da destruição. A guerra é, contudo, esgotamento e ali reside o perigo mortal para o Japão, por que a China tem recursos suficientes para o reduzir ao cansasso.

A luta anti-fascista na Itália

A repressão que Mussolini desenvolve na Itália, é a prova do aumento do descontentamento do povo contra a sua política.

Acabam de fazer numerosas prisões entre os trabalhadores das docas. Numa povoação da Apúlia prenderam 68 jovens camponeses, que se tinham refugido legalmente para dar vida a uma organização anti-fascista. Ao mesmo tempo prendiam em Reggio-Emília 73 operários de uma fábrica, acusados de sabotagem. Entre os presos encontra-se um jovem chefe de milícias que produziu sensação em toda a província. Acusado de ter distribuído manifestos comunistas, foi torturado barbaricamente, e levado à presença de milhares de camisas negras, onde foi insultado publicamente.

O descontentamento não cessa de crescer, tendo provocado numerosas prisões em todo o país. Um caso sintomático é o de uma trinta jovens de Adelfa que cobriram as paredes de uma casa com inscrições exaltando a Espanha Republicana, a URSS e o Comunismo. Presos e conduzidos à polícia, averiguou-se que desde o primeiro até ao último eram todos membros da juventude fascista.

Só nas regiões de Fiume e Apúlia, prenderam mais de 400 operários, mas a ferocidade da repressão não consegue travar o mal-estar crescente das massas.

Pequenas notícias

O IX Congresso do P.C. Francez encerrou os seus trabalhos no dia 30 p.p.

O congresso elegeu por unanimidade para o Bureau Político os camaradas Maurice Thorez, Marcel Cachin, Duclos, Giton, Marty, Moutoussau, Semard, Ramette e Billouesse.

Thorez, secretário geral, pronunciou o discurso de encerramento que foi radiodifundido.

A greve dos serviços públicos de Paris, que fôra levada a efeito com a mais completa unanimidade, terminou com um grande triunfo.

Os funcionários, conseguiram, graças à sua luta, um aumento de 120 francos por mês com efeito retrospectivo a partir do 1.º de Outubro de 1937.

Acaba de realizar-se a primeira sessão do Sóviet Supremo da URSS. Criticou a acção dos vários comissários do povo e elegeu os novos comissários.

Entre os comissários eleitos figuram Vorochilov, Litvinov, Kaganovitch, Molotov.

Quanto às apreciações do trabalho anterior elas incidiram, especialmente, sobre os maneios das potências fascistas contra a U.R.S.S. no território desta (por intermédio dos respectivos consulados) e no estrangeiro. A imprensa capitalista mais uma vez não compreende, ou finge não compreender, o valor, a necessidade imperiosa desta clara apreciação dos erros e desta livre discussão de que está tão acostumada.

Em Teruel começou a funcionar uma estação emissora de T.S.F. ao serviço da República Espanhola. A 1.ª emissão teve lugar no dia 5, às 10,30 da manhã, em onda curta.

Toda a luta contra o fascismo é uma luta contra a barbárie. E por isso que o governo da Frente Popular espanhola, faz a guerra sobre duas frentes: a das armas e a da cultura. O soldado do povo luta-se com heroísmo e ao mesmo tempo, estuda, torna-se mais apto. O velho antagonismo entre as armas e as letras desapareceu completamente, porque não estão ao serviço das outras. As nossas camponesas defendem as nossas escolas.

A obra de cultura realizada pela república espanhola, obra essa que tem à sua frente o nosso camarada Jesus Hernandez, pode-se avaliar apreciando os seguintes números:

Escolas criadas em toda a Espanha em 1930.....945
Escolas criadas pelo governo reacçãoário, em toda a Espanha, em 1935.....1.399
Escolas criadas durante um ano de guerra, no território leal.....7.628

UM PESSOAL, NÃO PODE SER APLICADO COMO SE APLICA «AS COISAS» O DIREITO DE PROPRIEDADE. E' bom que os patrões portugueses se vão habituando a fixar estas frases.

A democracia popular derrotou mais uma vez as esperanças dos Vasco Borges, Ferrões, Almeida, Pimentas e C.ª